

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

## BIOPODER E PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO

**Luíza Uehara Araújo (luiza.uehara@gmail.com)**

**Marcelo Puzio (marcelopuzio@hotmail.com)**

RESUMO –

O grupo Biopoder e práticas de subjetivação possui o objetivo de rastrear as configurações de poder nas sociedades modernas e contemporâneas. Assim, tornou-se central em nossos debates, uma revisão dos principais conceitos utilizados na trajetória de Michel Foucault, especificamente a partir de suas pesquisas denominadas genealógicas, onde ele demonstrou a transição de tipos governamentalidade, que emergiram na sociedade disciplinar. O que o filósofo procurou constatar eram os tipos de exercício de poder que incidiam sobre a vida, seja vigiando e adestrando os corpos, ou quantificando e promovendo ações sobre a saúde deles. Tratava-se de uma tecnologia biopolítica do corpo em que a psicologia e a psiquiatria também incidem no sujeito. Assim, essa apresentação se aterá a esses saberes *psi* nas sociedade disciplinares e como hoje, nas sociedade modernas ou de controle como nomeou Gilles Deleuze, esses saberes são importantes para um governo de si e do outro.

PALAVRAS-CHAVE – Biopoder. Psiquiatria. Psicologia. Genealogia.

### Introdução

O Projeto de Extensão “Biopoder e práticas de subjetivação” se reúne todas às terças-feiras na Faculdade Sagrada Família (FASF). A nossa proposta é a investigação, leitura e debate a respeito do autor francês Michel Foucault (1926-1984) bem como de seus comentaristas.

As problematizações e pesquisas de Foucault que nos interessam são aquelas que dizem respeito às relações de poder. O autor identificava que o poder não é uma massa ou uma substância que se têm ou não se têm, mas, o poder atravessa as relações, tem sua positividade e não se expressa apenas pela repressão. Essa perspectiva é fortemente influenciada pela analítica filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), denominada genealogia, que realiza um deslocamento das análises de poder.

Assim, Foucault sugere metodologicamente uma *genealogia do poder*, ou seja, não buscar mais os pontos de origens de relações de poder, mas buscar procedências e emergências. O ponto de origem seria uma arbitrariedade, é preciso investigar em escritos

antigos e empoeirados e trazer à tona uma série de saberes que nunca receberam o caráter de científicos, de mostrar relações esquecidas, mas que apresentam desdobramentos no presente. Uma *genealogia* ainda não busca fazer um universal, mas uma *microfísica* do poder em que as relações são minuciosamente detalhadas e investigadas. Identifica-se um movimento e não se faz uma teoria, mas uma análise da relações a partir de seus efeitos.

Portanto, a partir dessas sugestões de Michel Foucault, buscamos compreender alguns temas da contemporaneidade, nossa última investigações foi a respeito da emergência do saber psiquiátrico ao qual o autor realizou alguns cursos no Collège de France a respeito: O poder psiquiátrico (1973-1974) e Os Anormais (1974-1975).

Diante deste problema, o grupo levantou uma bibliografia tanto em relação às obras de Michel Foucault, como também de alguns comentaristas para verificar quais são as pesquisas atuais a respeito do saber psiquiátrico que usam como perspectiva analítica os trabalhos do autor.

Portanto, “Biopoder e práticas de subjetivação” não se trata de um grupo foucaultiano, mas trabalha-se com a perspectiva da *genealogia* desenvolvida por ele para realizar novas investigações a respeito de variados temas.

## Objetivos

Os objetivos principais do Projeto de Extensão são o de fornecer contato a interessados com a perspectiva da *genealogia*. A *genealogia* é altamente criticada por não realizar uma teoria, mas mostrar com as teorias são desdobramentos de relações políticas, portanto, não há um lugar tranquilo nem uma pureza que as teorias costumam fornecer.

Somos o único Projeto de Extensão a trabalhar com essa perspectiva na cidade e auxiliamos alunos da FASF com as suas problematizações e seus interesses de pesquisas, bem como alguns alunos da UEPG e da Faculdade Sant’Ana também frequentam o projeto. Somos abertos a qualquer interessado, não exigimos formação acadêmica.

Apesar de não exigirmos essa formação, outro de nossos objetivos é incentivar a produção acadêmica em Ponta Grossa. Instigar tanto a participação em congressos, como publicações, batalhando tanto pelo reconhecimento do Curso de Ciências Sociais da FASF, como pelo intercâmbio das análises que propomos.

O texto que discutimos a cada semana é anunciado na página do Facebook do Projeto [<https://www.facebook.com/biopoder>] e produzimos cartazes para a divulgação, alguns destes estão disponíveis na página do Facebook.

## Referencial teórico-metodológico

A perspectiva metodológica que propomos é a *genealogia do poder*. Foucault desenvolveu a *genealogia do poder* a partir dos apontamentos de Nietzsche, no texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, Foucault afirma que trata-se de investigar procedências e emergências. Não se trata de propor um ponto originário para a sociedade, como nas teorias contratualistas, mas de pensar como foi possível. A questão de Foucault é o como do poder.

Assim, o autor mostra a emergência das sociedades disciplinares entre os séculos XVII e XVIII e que tiveram seu ápice com os campos de concentração nazista. As sociedades disciplinares pautavam-se em uma tecnologia política do corpo destinada a extrair deles docilidade política e utilidade econômica. Um poder totalizante e simultaneamente individualizante marcado pelas grandes instituições disciplinares (escola, hospital, fábrica, prisões) e também por investimentos individuais para incitar a maior produtividade dos corpos.

Entretanto, como afirmou Gilles Deleuze em 1992, Foucault mostrou que as sociedades disciplinares já não era o que somos atualmente. Deleuze aponta para a emergência das sociedades de controle que não dispensam dispositivos das sociedades disciplinares, mas os atualizam. Por exemplo, não se trata mais de vigilância de cada um, mas de monitoramentos incessantes de bens, pessoas e o planeta.

Assim, propomos trabalhar com a emergência das sociedades de controle que Deleuze apenas sinalizou a partir de uma genealogia que demarca as procedências disciplinares de novos dispositivos bem como novas *governamentalidades*. Portanto, não trabalhamos apenas com institucionalizações, mas também com novos governos que ultrapassam uma dimensão da política institucional. Não se trata de atores políticos, mas efeitos de política cotidianas e banalizadas que modulam a conduta de cada um.

Diante disso que nos interessamos pela psiquiatria e a sua inserção tanto em procedimento punitivos como no governo de cada um. Quais são os efeitos políticos disso?

## Resultados

No percurso dessas investigações, o Projeto de Extensão ganhou mais presença e visitas de pessoas oriundas de vários locais. Também conseguimos obter alguns resultados prévios da emergência dos saberes psiquiátricos em uma inicial configuração das sociedades disciplinares e a sua consolidação nas sociedades de controle.

É possível observar que a psiquiatria, como afirmou Foucault, enuncia uma verdade. É a emergência de um poder de normalização, não se apoia em uma única instituição, está presente tanto na judiciária como na médica, como afirma Foucault. Estabelece-se em várias instituições e estendeu-se por vários campos da sociedade como as pesquisas do semestre nos mostraram.

Atualmente, esse saber se expandiu. São as mais variadas psiquiatrias e psicologias em nome de um *governo de si*. A partir deste momento, não apenas a psiquiatria e a psicologia nos interessa, mas também outras práticas, como a neurociência que é um saber que cada vez mais tem ganhado destaque.

Oliveira nos mostrou novos desdobramentos da psiquiatria e da neurociência problematizando a menoridade penal. Com a expansão dos mapeamentos do cérebro de jovens para identificar uma maturidade ou um retardo, vimos que o discurso da biologia e o do direito se entrecruzam para definir qual seria a menoridade penal ideal. Como afirma a autora, nesse caso, trata-se de um mapeamento do cérebro para punir e corrigir crianças. Há uma série de diagnósticos não somente interessados na punição, mas também na própria medicalização infantil para buscar melhores resultados quando se for adulto.

Portanto, estamos diante de um momento dos *expertises*, como afirma Rose. Um *expertise* da subjetividade que tem se multiplicado, este identifica e diagnostica as causas de nossos problemas, mede a nossa psique e nos indica qual a medicalização correta. Não se trata apenas de psicólogos e seus variados ramos, mas também de trabalhadores do serviço social, gerenciadores pessoais, acompanhantes de liberdades condicionais, conselheiros, terapeutas... Rose identifica que estes possuem uma autoridade e uma legitimidade para agir sobre as pessoas e aconselhá-las sobre o que fazer, seria *engenheiros da alma humana*.

Mas não é somente assim que a subjetividade contemporânea se caracteriza, Rose aponta outros dois pontos: o primeiro é que agora a subjetividade é importante para toda uma movimentação de governos e partidos. A subjetividade agora faz parte dos cálculos políticos, portanto, regula-se não somente pela biopolítica agora, mas por uma regulação de condutas dos cidadãos por meio de uma ação sobre suas capacidades mentais.

Outro ponto que Rose levanta é a administração da subjetividade na organização moderna. Ou seja, isso ocorre quando um empresário tenta aumentar a produção de sua organização e usa a intersubjetividade como ponto central. São práticas de dinâmica em grupo e até mesmo exercícios físicos, massagens ou trabalhos de manicure servidos aos trabalhadores com a intenção de aumentar a produtividade e evitar conflitos. Segundo Rose, a vida organizacional adquiriu um matiz psicológico.

Assim, a partir de uma pesquisa a partir da *genealogia*, nos interessa por mostrar essas modificações banais, que passam despercebidas, mas que trazem uma nova configuração de forças da sociedade contemporânea. Outro exemplo desse *governo de si* é o discurso de cuidado com a alimentação que nos é imposto todos os dias nas conversas mais cotidianas. Sant’Anna nos mostrou como os alimentos, medicamentos e cosméticos agora se entrecruzam. Isso se traduz em uma medicalização dos costumes como afirma a autora, uma medicalização da comida e dos cuidados com a aparência.

### **Considerações Finais**

O Projeto de extensão “Biopoder e práticas de subjetivação” ainda é recente. Algumas investigações iniciais nos proporcionaram tanto um aprofundamento nas leituras de Michel Foucault, como o conhecimento de novos comentaristas. Dentre eles estão os já citados Gilles Deleuze e Nikolas Rose.

Nesse percurso final, chegamos a algumas impressões constantes sobre a atuação do poder nas sociedades atuais: Uma delas, é a dinâmica do poder que não se apresentava predominantemente como repressiva e restrito a seus espaços de confinamento, como nos casos das instituições clássicas disciplinares, mas agora, sua atuação torna-se sintonizada a uma nova configuração de direitos e normas, mas que utilizam-se de métodos como o da confissão, dos aconselhamentos, do cuidado do corpo, e que assim, objetivavam a autogovernança e a ação de si sobre sua subjetividade.

A genealogia também nos possibilitou refletir sobre a função ética, aqui, potencializada sobre o corpo, como efeito dessa produção do sujeito, pois agora ela era utilizada como uma matriz de modos avaliativos, em que o indivíduo era convidado e coordenado a fazer de si mesmo um espaço de risco, perdas, ganhos e investimentos. As práticas de subjetivação seriam então, um conjunto de meios através dos quais os indivíduos se identificam, decifram e agem sobre eles mesmos em relação ao permitido e ao proibido, ao desejável e ao indesejável, orientados pela norma.

Nessa nova sociedade biopolítica, os regimes de controle operaram pela liberdade, o que forçou nosso grupo a pensar o poder além de uma dicotomia dominante-dominado, mas como uma rede pela qual todos agem ativamente, e sofrem seus efeitos, por esse caminho:

Resistir não significa escapar das malhas do poder, mas continuar nela e de outra maneira, capturado por outro conjunto de forças que se entrecruzam e também se estabelecem como modos de ser possíveis e delimitados, e isso se dá na medida em que se resiste a uma determinada maneira de ser, e se agencia a outros dispositivos e práticas de si. (SILVA; MELLO; 2011, p. 388).

A visão compartilhada pelo grupo, era então, de um tipo de governamentalidade pela qual não apenas somos levados a conduzir restritamente nossa relação com a experiência cotidiana, mas também delegados a exercemos sobre nós mesmos cálculos, objetivos e direções, e que restringiam um campo de ação e experiência singular, do indivíduo com sua existência.

**APOIO:** FASF-Faculdade Sagrada Família.

### Referências

BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza. Estratégias de produção de si e de biotecnologias. **Psicologia em Estudo**. V. 12, n. 1. Maringá, jan./abr, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. 1. Ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O poder psiquiátrico**. 1. Ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NIKOLAS, Rose. Governando a alma: a formação do eu privado. **Liberdades reguladas**. SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). 1. Ed. Petrópolis: Vozes, 1988, pp. 30-45.

OLIVEIRA, Salete. Psiquiatrização da ordem: neurociências, psiquiatria e direitos. **Para uma vida não-fascista**. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, pp. 339-348.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Dietética e conhecimento de si. **Para uma vida não-fascista**. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, pp. 83-94.

SILVA, Alyne Alvarez; MELLO, Ricardo Pimentel. **Subjetivação e governamentalidade: questões para a Psicologia**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 2, p. 367-388, Maio/Ago. 2011. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/fractal/v23n2/v23n2a10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n2/v23n2a10.pdf). Acesso em: 26/03/2013.